



O TRABALHO DAS EDUCADORAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: corpo, microgestão do trabalho e grupalidades remotas

DOI: 10.17058/barbaroi.v1i63.16278



Vilene Moehlecke

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Fernanda Spanier Amador

Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Resumo

A pandemia de novo Coronavírus nos exigiu diversas ações de isolamento social. No contexto da Educação, muitos desafios surgiram nessa nova realidade pandêmica. Nesse sentido, o presente artigo narra experiências cartográficas das intervenções do NISE, Núcleo Interdisciplinar de Saúde na Escola, com cinco escolas da rede pública de ensino, de um município da região metropolitana de Porto Alegre. Ele se constrói a partir de uma pesquisa de pós-doutorado. O método utilizado é a Pesquisa-Intervenção e a Cartografia, que auxiliam na produção de conhecimento e na instauração de novas problematizações. Nossas práticas são realizadas com grupos de professores, na modalidade online, a fim de ofertar o compartilhamento de experiências frente aos desafios vivenciados. Como referencial teórico, embasamos nossa pesquisa na Filosofia da Diferença, na Análise Institucional e na Clínica da Atividade. Dessa maneira, construímos três analisadores com os grupos: o corpo e a microgestão do trabalho, as grupalidades remotas e as tecnologias. E, como resultados, percebemos o quanto as questões coletivas são importantes nesse momento, bem como as estratégias construídas para micro-gerenciar os processos de trabalho das educadoras, além de novos modos de lidar com as tecnologias por um coletivo de educadores (as).

Palavras-Chave: trabalho docente, pandemia, corpo, microgestão do trabalho, grupalidades remotas

1. Introdução

O COVID se apresentou como um invasor. Sem pedir licença, arrombou casas, sucumbiu corpos, penetrou em locais de trabalho. Transitou em bares, restaurantes e no transporte público. Ele também se tornou um cúmplice, pois parece que foi, pouco a pouco, e numa velocidade intrépida, denunciando e fazendo vizinhança com lógicas patogênicas, de diluição da força vital humana. E houve quem resistisse a suas consequências, como se, ao negar a sua existência, fosse possível criar uma barreira contra seus contágios. O discurso propagado pelo governo Bolsonaro apontava na direção de uma desqualificação de determinadas vidas, em prol da sobrevivência da economia, do imperativo de lucratividade e de que a máquina capitalista não poderia parar. Tratava-se de negar os riscos do vírus em meio ao pedido de auto-sacrifício de alguns, ou de uma espécie de liberdade mórbida, já que se pede para ser livre, para poder morrer em favor da manutenção da economia e do lucro.

Em tempos de pandemia, o medo foi tomando conta, entrando sem pedir licença e fazendo-se presente nas relações e conversas cotidianas. Além disso, quem precisava sair à rua não o fez sem uma excessiva cautela. A máscara nos lembrava, ininterruptamente, que o vírus passeava, bordejava e tripudiava, frente à sua capacidade de contaminação. E muitos trabalhadores saíam à rua, sem opção de ficar em casa, receosos do contágio, dispostos a se sacrificar pela ‘humanidade econômica’. Lavar as mãos tornou-se um ato de repetida manutenção da sobrevivência naquele momento.

Houve quem negasse toda essa conversa, reproduzindo discursos os quais espalhavam a insensibilidade, frente à morte alheia, e a falsa ideia de que não havia perigo. Ou como se o dano maior fosse a morte da economia. Desse modo, bradava-se um pedido de liberdade e de retorno ao trabalho, que mais parecia uma súplica pela própria servidão por parte da população, em nome da “saúde da economia”.

Dessa maneira, havia uma guerra declarada, entre mecanismos de violência e ódio, que prosperaram numa epidemia paralela, sem contagem do número de vítimas. Nos sentimos solitários, ausentes, incapazes de gritar, de fazer parar, de olhar para o lado. Ao mesmo tempo, a problematização do que se vivia poderia nos ajudar a entender a complexidade do que nos perpassava, para, a partir daí, procurarmos novos respiradouros, artificiais ou inventados, que nos fizessem subir à superfície, levar o ar aos pulmões e procurar espaços de contaminação da diferença.

O pensamento compartilhado pode supor um exercício de liberdade, porque nos torna vivos, preocupados com nossa fragilidade, disponíveis aos afetos e à reinvenção de saídas. E podemos reivindicar, então, não a nossa servidão, mas os agenciamentos maquínicos do desejo. Segundo Guattari (1985), o papel de uma micropolítica do desejo será o de recusar-se a deixar passar toda e qualquer fórmula de fascismo. Podemos supor que tais forças são capazes de irradiar contágios e convocar a uma epidemia do pensamento, da crítica e de relações éticas de cuidado e diálogo. Nesse sentido, falamos de encontro, de uma relação solidária e disponível à alteridade, cujos efeitos podem propagar um exercício de liberdade da própria respiração.

Conforme Zizek (2020), a epidemia do coronavírus foi uma espécie de ataque contra o sistema capitalista global, um sinal de que não podemos seguir nesse mesmo caminho, e de que uma transformação radical seria necessária. A pergunta que não pode calar é: estaríamos à altura de tal mudança? Isto é, seria possível sucumbir ao ideal de retorno à normalidade, para, coletivamente, aprendermos com nossas vivências e, a partir daí, criarmos outros possíveis? Segundo Zizek (2020), talvez outro vírus, nesse caso benéfico, se propagará e, com sorte, nos infectará, isto é, o vírus de pensar em uma sociedade alternativa, que ultrapasse o estado-nação, que se atualize em diferentes lógicas de solidariedade e cooperação global. Salientamos, com isso, que podemos ser contaminados pela alegria de um recomeço, pela vontade de estarmos juntos, mesmo que de outras formas. E podemos apostar no respeito e na conversa, que proliferem entre nós e acionem diversos olhares. Junto a tais composições, é possível ver o mundo e as pessoas e se encantar com a potência de sua diversidade.

No contexto da Educação, as aulas estavam suspensas desde março. Em meados de setembro de 2020, havia muitas discussões, no sentido do seu retorno presencial. Vimos escolas particulares reivindicando o recomeço das aulas. Enquanto isso, as escolas públicas reiteravam que não havia condições de voltar à escola nesse momento. E não compactuavam da ideia de as crianças serem cobaias em um cenário em que o Coronavírus seguia com os riscos de contaminação. À época, na rede pública, seguiam as atividades remotas, enviadas aos alunos, o que demandava, das professoras, muitas aprendizagens e transformações nos modos de trabalhar e de educar. As mulheres professoras sentiam-se sobrecarregadas, com excesso de demandas domésticas, familiares e de trabalho para darem conta, às vezes, simultaneamente.

Assim, procuramos, nessa pesquisa-intervenção, narrar as experiências do Núcleo Interdisciplinar de Saúde na Escola, o NISE. Tratava-se de uma pesquisa que partia de

um projeto de pós-doutorado. Em nossas práticas, ofertamos espaços coletivos de compartilhamento de experiências e de discussões acerca dos desafios que as trabalhadoras da Educação se deparavam em seu cotidiano em tempos de pandemia. Nosso núcleo iniciou em 2017. E tivemos experiências muito interessantes, nas diversas escolas em que nos inserimos e apostamos nos encontros entre coletivos de educadoras. Construimos, em cada escola, um projeto de intervenção singular e a Análise Institucional se constituiu como uma de nossas caixas de ferramentas teórico-metodológicas. Trata-se de um campo de coerência importante, o qual possibilitou uma ampliação dos caminhos das práticas *psi* nas instituições. O conceito de implicação foi fundamental nesse sentido. E o objetivo do analista institucional é o de desvelar os jogos de sentido que perpassam as relações sociais e os jogos de verdade. Ele próprio se vê implicado nas relações que ali se estabelecem. (Martins, 2017). Além disso, a Clínica da Atividade, que tem Yves Clot e Daniel Faita como seus autores principais, inscreve-se no curso da ação, preocupada com a dimensão de atividade de trabalho realizada por grupos de trabalhadores. Ao pesquisador-clínico da atividade cabe propiciar a criação de espaços onde seja possível produzir uma inflexão nos modos pensar dos trabalhadores, para agir e pensar de outra forma em meio à atividade laboral. (Barros & Amador, 2017).

Em função da pandemia do Coronavírus, o NISE repensou seus processos metodológicos. E construimos modos de intervenção, por meio de plataformas digitais, para a realização dos grupos com as educadoras. Também é importante destacar que o NISE era composto por uma equipe interdisciplinar, com uma psicóloga, uma assistente social, uma psicóloga residente em saúde mental, uma enfermeira residente em saúde mental e sete estagiários de Psicologia. Dessa forma, o presente artigo expressa um olhar cartográfico das intervenções do NISE com cinco escolas da rede pública de ensino, de um município da região metropolitana de Porto Alegre, que aderiram ao nosso trabalho, em tempos de pandemia. E, nesse sentido, as intervenções grupais, ocorreram na modalidade remota, em função da necessidade da manutenção do isolamento social. Na Cartografia, é possível fazer pesquisa que sustente a complexidade e os deslocamentos da realidade, uma vez que se trata de propor dispositivos que acionem movimentos analíticos, cabendo à equipe que pesquisa acompanhar os processos emergentes de tal dispositivo. Assim, as ciências nômades supõem uma produção de conhecimento, capaz de agregar fluxos, devires e multiplicidades. (Cardoso & Romagnoli, 2019). Podemos nos questionar, pois, a respeito de quais foram os efeitos experimentados, nos encontros com os grupos de educadoras, em relação às experiências compartilhadas, sejam em relação à

pandemia, ou ao trabalho remoto, que se transformou e colocou uma série de desafios às práticas de ensinar na rede pública?

2. Método

Utilizamos a Pesquisa-Intervenção e a Cartografia, apostando na produção de conhecimento que é operada “rente” à instauração de novas práticas e problematizações. Dessa maneira, ao cartografarmos uma paisagem psicossocial, a intervenção não significa uma interferência verticalizada, mas um vir entre, um interpor-se. E expressa, então, um caráter articulador entre sujeito e objeto, entre teoria e prática, ou formação e aplicação do conhecimento. (Mendes, Pezzato & Sacardo, 2016).

Nas práticas do NISE, procuramos estar entre sujeitos, narrativas, vivências e composições híbridas. A experiência anterior, presencial, no território, nos possibilitou encontros e intervenções realizadas com as pessoas que constroem o universo escolar. Com a pandemia, inicialmente, nos paralisamos, vivenciamos a sensação de cair num vazio e não termos para onde remar. Fraquejamos. Afogamo-nos. Corremos para a margem e desejamos nos recompor. Pouco a pouco, fomos abrindo brechas, discutindo possibilidades e criando novos modos de trabalhar e de pesquisar.

Enquanto NISE, tornamo-nos inventoras de novos métodos, implicados com as transformações vividas em meio à crise gerada pela pandemia. O conceito de implicação foi fundamental nessa perspectiva. Enquanto pesquisadoras-cartógrafas, estávamos implicadas com as adversidades de um tempo pandêmico, também sentido em nosso corpo. As pesquisadoras mantêm-se em contato com as pessoas e seu território, ele modifica e é modificado pela experiência produzida na intervenção. Trata-se de um pesquisar com os sujeitos, e não, sobre os sujeitos. (Mendes, Pezzato & Sacardo, 2016). Nossa tarefa consistia, então, em ampliar a noção de território, não apenas nos contornos da própria escola, mas em suas subjetividades, nos corpos dos professores que, através das telas do computador, nos contavam histórias, compartilhavam angústias e reconstruíam os possíveis modos de trabalhar em uma experiência remota, mas cheia de surpresas, desafios, potências e adversidades.

Assim, cartografamos, com os sujeitos da escola, potencialidades e sofrimentos no meio da experiência pandêmica, que nos demandou a construção de grupos de professores, na modalidade remota. Seguimos investindo em questões que já tínhamos antes da pandemia. Entre elas, a sistematização dos encontros, a construção de projetos

singulares para cada escola e a aposta no sigilo e na confiança entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa. Além disso, foi preciso reinventar caminhos e construir novos possíveis para nossas experimentações. Conforme Uriarte e Neitzel (2017), a pesquisa de intervenção cartográfica vem sendo empregada como uma abordagem metodológica que se situa em um entre-espaco, ou entre-lugar, e vem tomando fôlego para compreender questões educacionais.

Participantes

Em função da pandemia e da exigência de isolamento social, nossa experiência se redesenhou a partir das interfaces tecnológicas. Assim, construímos um trabalho com cinco escolas da rede pública de um município da região metropolitana de Porto Alegre. Ofertamos espaços de grupos, na modalidade remota, com as trabalhadoras da Educação desse território. Participaram desses grupos as diversas professoras da escola, bem como integrantes das equipes diretivas. E, em algumas escolas, alguns funcionários também estavam começando a compor esses espaços coletivos. Utilizamos o termo: professoras, já que a grande maioria são mulheres professoras. Tínhamos à época da intervenção que ora relatamos, um número de cem participantes da pesquisa-intervenção, sendo a equipe do NISE composta, naquele momento, por doze integrantes. Realizamos em torno de 10 grupos, que ocorreram com uma frequência quinzenal.

Procedimentos

A equipe do NISE compunha uma proposta de intervenção com cada uma das cinco escolas, na modalidade remota. Inicialmente, conversamos com as equipes diretivas de cada uma delas. As encomendas surgiram, em parte, do setor pedagógico da Secretaria de Educação desse município. E, de outra parte, das próprias escolas. E, com isso, marcamos uma primeira conversa, com a equipe diretiva, para entendermos melhor o pedido e a encomenda. Segundo Gilles Monceau (2015), ao trabalharmos por meio de solicitações e encomendas que as acompanham, é preciso reconhecer sua complexidade e seus processos institucionais. Em nossos grupos do NISE, várias encomendas se referiam a um pedido de ajuda, no sentido da percepção, das equipes diretivas das escolas, do quanto as professoras sentiam-se sobrecarregadas, angustiadas, em sofrimento, em meio a um cenário de pandemia, e às exigências de darem conta de muitas questões tecnológicas que, outrora, não se faziam necessárias no cotidiano do trabalho. Para

Monceau (2015), os processos institucionais que atravessam encomendas seguem uma lógica de institucionalização que comporta múltiplas tensões.

Em nossa pesquisa-intervenção, procuramos colocar em análise as encomendas e as forças que as produzem. Depois, para cada uma das escolas, construímos um projeto singular de intervenção. Em todas elas, os grupos foram sistemáticos e ocorreram na modalidade remota, com uma frequência quinzenal. Em algumas escolas, realizamos um grupo somente com a equipe diretiva. Em outras, ocorreram vários grupos, envolvendo todas as professoras ou funcionários da escola. Havia momentos em que realizávamos um encontro dos vários grupos que ocorreram em uma determinada escola, a fim de repensar caminhos e compartilhar vivências até aquele dado momento.

Utilizamos plataformas digitais, como o Teams ou o Meet. Nos grupos, discutimos as problemáticas que envolviam o trabalho docente no âmbito da pandemia, frente aos desafios da articulação com as tecnologias e com o trabalho realizado em casa. Para cada grupo, nossa equipe se organizava em duplas de coordenadoras, para as intervenções. Houve momentos em que utilizamos dispositivos, tais como músicas, vídeos ou poesias, no sentido de favorecer a problematização do cotidiano do trabalho na Educação frente ao atual cenário. As professoras, nos grupos, participavam muito, trazendo inúmeras questões que iam sendo partilhadas entre as integrantes e que diziam de suas experiências do trabalho docente na pandemia. As intervenções, com os grupos, exigiam, do NISE, um pensar permanente sobre os modos de intervir e de acompanhar os processos com as professoras. Portanto, sistematicamente, nossa equipe se reunia, para entendermos caminhos, avaliarmos procedimentos e redimensionarmos os desafios e as potencialidades das intervenções remotas. Monceau (2015) afirma que a prática profissional pode ser pensada como uma prática social, que inclui maneiras de se relacionar com outros membros da profissão ou de outras profissões, de pensar essas relações, atribuir sentidos e valores, a fim de compartilhar elementos comuns da produção de subjetividade.

Nesse trabalho, é importante frisar que a pesquisa-intervenção foi decorrente de um projeto de pós-doutorado. Utilizamos diários de campo, para o registro dos afetos e acontecimentos vivenciados em tais experimentações. Os diários podiam reconstituir a história subjetiva do pesquisador e evidenciar contradições, além de tornarem-se um dispositivo de registro integrado ao texto institucional e contribuir com um processo de restituição da intervenção. (Fortuna, Silva, Mesquita, Matumoto, Oliveira & Santana, 2017).

Ainda, salientamos que a metodologia dessa pesquisa-intervenção garantiu o sigilo quanto aos dados e informações dos participantes, bem como respeita a eticidade da pesquisa com seres humanos, conforme as resoluções 466/12 e 510/16 do CN. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética, conforme número de parecer de aprovação 4.206.013.

3. Resultados

Por meio da pesquisa-intervenção com os grupos de educadoras do NISE, construímos três analisadores, que nos auxiliam a colocar o trabalho das educadoras em tempos de pandemia em análise. Para Miranda, Oliveira, Shioga e Rodrigues (2016), os analisadores funcionam como catalisadores de sentido, pois desnaturalizam condições instaladas e desestabilizam práticas cotidianas. Ao longo desse trabalho, três analisadores se colocaram como pontos fundamentais, para acompanharmos processos e perspectivarmos caminhos: o corpo, as grupalidades remotas e as tecnologias.

O corpo e a Micro-Gestão do Trabalho

Muito se falava que, nas experiências de encontros virtuais, o corpo estava ausente. Em nossos grupos do NISE, sentimos as complexidades de corpos em sofrimento e em alteridade. Muitas professoras relatavam sentir falta do toque. Quando se viam, não podiam se tocar, se abraçar, o que era uma questão difícil para elas. A máscara escondia o rosto, impedia que as expressões fossem vistas. Houve momentos em que as professoras questionaram, em nossos encontros, como seria possível ver uma(o) aluna(o) e não abraçá-la (o)? E de que maneira dar aula, sem se aproximar dos alunos? Assim, o corpo parecia ausente, ao mesmo tempo em que, entre telas do computador, olhávamos para corpos que se encontravam e se abanavam e que mostravam cantos da casa., que abrigavam um gato curioso. Às vezes, as professoras corriam para socorrer o choro de uma criança, pedindo licença ao grupo. Entre encontros, tão longe e tão perto, corpos não sentiam seu cheiro, porém desvelavam seus movimentos intrépidos, os quais nos comoviam, frente ao imperativo de não falhar e dar conta de um excesso de mistura entre lar, tarefas, vazios e excessos.

E, nessa espécie de dança caótica, corpos se encontravam e se desencontravam, num caminho de complexidades e reverberações. Não, definitivamente, o corpo não estava apenas ausente. Entre ruídos e silêncios, as educadoras protestaram: não queriam

falar por meio daquela interface, ou, ao menos, precisavam de um tempo para processar tal proposta, pensar em suas possibilidades, além de entender do que se tratava. Respeitamos, assim, ruídos, barulhos e silêncios, e apostamos nos desdobramentos e nos ritmos singulares dos sujeitos envolvidos em nossas proposições. Afinal, em um cenário cheio de incertezas, medos, ausências e diluições, precisávamos respeitar o ritmo alheio, aceitar os ruídos, compor com seus silêncios e entender que sua envergadura necessitava de tempo, confiança e cuidado. E, pouco a pouco, corpos-educadoras encontravam-se entre si, corpos-NISE também se permitiam encontrar. E fomos, juntas, coreografando sonhos e novos ritmos aos nossos remotos contornos.

Segundo Deleuze e Guattari (1997), Espinosa pergunta o que pode um corpo? Entendendo que tal resposta sempre nos demandará o mergulho na experimentação, podemos pensar que não sabemos que pode o corpo fora da experiência. Assim, é nela que vamos descobri-lo. Podemos, também, nos questionar: o que pode o corpo em meio à pandemia do Coronavírus? Ou, ainda, quais as potências do corpo da educadora, em meio ao COVID 19? E de que modo acionar potencialidades no corpo que educa, por meio da plataforma online?

Não sabemos que pode o corpo. Não é possível predizer sua potência, mas podemos experimentar, tentar novamente, bem como tecer recomeços. Existem muitas dificuldades com as corporalidades em tempos de pandemia. Em um dos grupos de professoras, uma integrante alertou que, quando ela dava aula, falava com o corpo. Num áudio, refere que era muito difícil se expressar. A distância incomodava, impedia processos de ensino-aprendizagem. O grupo conversava sobre tais impedimentos e falava das angústias advindas dessa impossibilidade. Como vivenciar o lugar de educadoras, na experiência remota? Esses questionamentos estavam presentes.

Podemos nos questionar, então, de que modo apostar na potência do corpo, em meio a grupos em que o corpo parece invisível? De que maneira agenciar velocidades e lentidões do corpo, se a sensação vivida, nos grupos online, era de que o corpo estava ausente, frágil, intocável? Talvez, estejamos falando dos paradoxos do corpo, em meio às interfaces digitais grupais, que eram acionadas pelo NISE, durante a pandemia. Deleuze e Guattari (1997) salientam que o corpo se faz a cada relação de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, correspondendo um grau de potência. Então, o corpo tem o poder de afetar e de ser afetado, pode experimentar velocidades e lentidões.

Podemos lembrar de uma lágrima, que caiu do rosto de uma professora, na primeira conversa da equipe diretiva com o NISE, via plataforma digital. A lágrima se

fez presente, tornou-se visível com sua força de afeto e sensibilização. Ela ultrapassou a lente dos óculos da diretora, passou pela superfície digital do computador, chegou nas outras telas, tornou-se imagem viva, corpo presente que chora e demanda um espaço possível para a expressão de suas vivências e sofrimentos. O que pode o corpo que se encontra com outros corpos, via interface remota digital? Era possível chorar, deixar sua lágrima acionar visibilidades, transpor superfícies e gritar ao mundo: no meio da pandemia, não estávamos imunes, tampouco insensíveis, sentíamos as dores do mundo, as fragilidades da vida, intensificadas por aquela lágrima.

Podíamos questionar: que corpos atravessam as telas que nos uniam/separavam? De que modo as imagens nos afetavam e perpassavam telas, invadindo planos e transbordando as superfícies de contágio? O que viralizava, em nós, a partir das práticas de encontros, por meio dos aparatos tecnológicos?

Nos grupos na modalidade remota, por meio da tela, corpos inquietos expressavam mais do que as palavras ditas. Mexiam-se na cadeira, levantavam-se, tornavam-se ausentes e, ao mesmo tempo, excessivamente absortos em uma presença inquietante. Em um grupo, algumas professoras salientaram que o corpo-casa parecia ganhar destaque em nossos tempos de convívio remoto. Antes, era como se fossem visitantes da própria moradia. Passavam, agora, a conviver com ela, enxergá-la em suas nuances, aprender a ocupar seus espaços. Algo se transformou no cotidiano: ficar em casa, conhecer-se, desacelerar, poder se cuidar, viver uma parada, sair da rotina, mergulhar em uma rotina nova, em sua morada, no corpo-casa, que pedia passagem.

José Gil (2002), partindo do pensamento de Deleuze, procura pensar sobre o corpo paradoxal. Nesse sentido, refere um corpo habitado e habitando outros corpos e espíritos, existindo ao mesmo tempo na abertura permanente ao mundo por meio do silêncio e da não-inscrição. Um corpo paradoxal se abre e se fecha, conecta-se sem cessar com outros corpos e elementos heterogêneos. Um corpo desertado, esvaziado, roubado de sua alma, atravessado por fluxos exuberantes de vida. Trata-se, pois, de um corpo que pode devir animal, devir vegetal, devir atmosfera, devir buraco, oceano, puro movimento.

Nos grupos de professoras, muitos corpos eram sentidos e narrados por elas. Havia momentos em que elas falavam de um corpo-polvo, porque era preciso desenvolver muitos tentáculos, a fim de dar conta de uma infinidade de coisas, em tempos pandêmicos. Então, num tempo que co-existia entre o corpo-mulher, o corpo-mãe, o corpo-professora, o corpo-tecnológico, a sensação era de sobrecarga e, paradoxalmente, de alegria em poder se aventurar por todos esses territórios entre si, ou simultaneamente.

Um corpo, quando não se sentia só, também poderia se potencializar e acionar novos paradoxos em seus sentidos. Assim, em tempos de pandemia, o corpo encontrava corpos, através das imagens e das interações pelo computador. Em um grupo, as professoras disseram que, em tempos de trabalho remoto, estavam sentindo maior interação, companheirismo, conhecendo mais as colegas. Percebiam movimentos de solidariedade entre elas. Antes, na correria, não tinham esse convívio. Parecia que faltava tempo para se ver, para planejar conjuntamente as ações pedagógicas. Naquele momento, estava se vendo, e se ouvindo. Salientavam uma aproximação bem válida, apesar dos percalços. E, no meio do caos e do excesso de tarefas, corpos cavavam tempos dentro da aparente não separação entre o trabalho e o não trabalho, e podiam se enxergar, conhecer-se de outro jeito, estarem próximos de familiares, da casa, de uma vida em expansão.

Neves (2018), a partir de Deleuze e Guattari (1996) aponta as três linhas presentes na atividade do trabalho. Uma se refere às linhas dos estratos, do plano das formas e definição das coisas. Outra se refere à linha de abolição, ao Fora, que é da ordem do imprevisível e do caos. E há uma linha intermediária, molecular, a qual pode processar tensões e fomentar relações singulares. Podemos, então, pensar sobre os processos de molecularização no trabalho, como as memórias coletivas, os conhecimentos tácitos, os vínculos afetivos, os compromissos mútuos, ou os saberes e valores compartilhados. (Neves, 2018).

Quais as linhas moleculares que foram criadas por um coletivo de educadoras, em nossos tempos pandêmicos? Temos sentido que, nos encontros com o NISE, era a própria experiência da conexão, entre professoras, entre colegas, entre questões em comum, que as potencializava. O que se molecularizava, entre os estratos e o informe, transformava-se em uma nova consistência, permeada por olhares, dizeres e vivências em construção e reciprocidade entre mulheres professoras.

Grupalidades Remotas

Frente a muitas dificuldades vivenciadas no trabalho remoto, muitas educadoras construíram uma experiência coletiva, por meio dos encontros com o NISE, além de outros encontros remotos entre elas. E, assim, parecia que as mesmas ferramentas tecnológicas que poderiam produzir o caos e o cerceamento da liberdade, também eram capazes de possibilitar o encontro, a interatividade que se dissolve em novos modos de trabalhar e de educar.

Elas falavam, também, de um tempo que se transformava, em meio à pandemia. Era possível se olhar, enquanto mulher, professora, mãe. E podiam se descobrir, encontrar a casa de um outro jeito, aproximar-se dos filhos, acompanhar seu crescimento. Por um lado, o isolamento era apontado como algo que trazia sensação de solidão e de distanciamento. E, por outro, encontravam-se em um intenso momento de aprendizado, seja em relação às novas tecnologias, às plataformas digitais, seja por meio das muitas lives assistidas, e da possibilidade de investir mais na profissão, nas aprendizagens mútuas. Elas sentiam-se bem em viver um tempo de aprender e rever seus lugares.

Em grupos online, do NISE, professoras também expressavam uma angústia e um medo muito intensos. De onde vinham tais afetos? Como se expressavam? E como poderíamos entender suas manifestações? Em seus relatos, as professoras nos contavam o receio do contágio, ou da solidão, ou o temor de não dar conta dos desafios que a tecnologia impõe. E, quando vão multiplicando receios e temores, os olhares se encontravam por meio das telas, achavam suporte na face do outro, acolhendo a dor que também parecia sua.

Para Barros (1997), no dispositivo-grupo, o rastreamento das forças em jogo se faz pelo mapeamento da manutenção e desmanche das instituições, bem como da naturalização e desnaturalização dos modos de viver, de sentir, do acompanhamento dos fluxos que se deslocam no tempo, ao produzir modificações nos territórios instituídos

Em nossos grupos remotos, a atenção compartilhada se refazia. E professoras destacavam o ir e vir dos trabalhos caseiros, a exigência do imediatismo da tarefa, a necessidade de aprender, rapidamente, novas tecnologias. E iam, também, desconstruindo normatividades, desnaturalizando percursos, ao se questionarem, não raras vezes, a forma como as coisas se colocavam, e o modo como o tempo do trabalhar poderia ser constituído.

Deleuze nos aponta o precursor sombrio, com a função de ‘diferenciador’ da diferença, isto é, um agente da comunicação das séries de diferenças. Se todo o sistema é um campo intensivo de individuação construído sobre séries heterogêneas, a comunicação das séries, sob a ação do sombrio precursor, induz o acoplamento entre as séries, a ressonância interna, como um movimento forçado que trasborda as forças. (Deleuze, 2006).

E, assim, as diferenças de intensidades podem entrar em comunicação. Nos grupos do NISE, na modalidade online, o que poderia fazer a função de sombrio precursor? Aquilo que liga séries heterogêneas, forças em composição ou disparate? A imagem que

extravasava telas e penetrava outras moradas poderia fazer tal papel? E, também, uma palavra-intensidade, um ruído dissonante, ou uma pergunta-problema, poderiam se tornar canais de conversa entre forças diversas, as quais promoviam novas diferenciações nos discursos e compartilhamentos de educadoras? As perguntas nos acompanhavam nos encontros: como dar aulas agora? De que modo acessar as plataformas digitais? Como planejar as ações pedagógicas em conjunto? E, nos encontros, uma tentava fazer reverberar sua questão no problema da outra. Uma grupalidade ia se agenciando, em meio ao complexo sentimento de solidão, gerado pela pandemia e pela crise. Como um sombrio precursor, falas foram construídas, fazendo séries heterogêneas entrarem em devir e comunicação de elementos distintos.

Tecnologias

A questão das tecnologias estava sempre presente nos grupos do NISE, seja nas falas compartilhadas, ou nos processos instaurados a partir das interfaces digitais. Em um dado encontro, uma professora pontuou que o trabalho, durante a pandemia, se modificou radicalmente. A tecnologia está muito mais forte agora, exigindo passagem. Por um tempo, mergulharam no caos, na sensação de desamparo e solidão. Aos poucos, começaram a se organizar, arrumando o cantinho destinado ao trabalho remoto. Começavam a se reconhecer nessa interface.

Sentiam-se mais preparadas, pois fizeram parte dessa construção, ainda que percebessem um volume exorbitante de trabalho. E o não limite entre o tempo de trabalho e o tempo de casa parecia intensificar essa sobrecarga. Nessa dramática, pareciam soterradas por um emaranhado de informações, de lives, de tarefas. Apontavam uma dificuldade de parar, de cumprir com as prescrições. Conforme Oliveira (2020), é preciso considerar as múltiplas interseções de gênero, raça, classe e sexualidade, para compreendermos a maternagem e os lugares que as mulheres ocupam nos contextos de trabalho. E, para dar conta das questões de trabalho e de maternagem, a sobrecarga das mulheres era bastante evidente. Em tempos de pandemia, isso certamente ficou exacerbado.

Nos grupos do NISE, as professoras refeririam o *whats-trabalho*, que as invadia e produzia efeitos inimagináveis. Respondiam mensagens a qualquer momento do dia e da noite, sentiam como se estivessem ininterruptamente trabalhando, sem parar, precisavam dar respostas imediatas a um excesso de perguntas dos pais, alunos e equipes

diretivas. Precisavam dar respostas aos filhos, à limpeza da casa, à comida que precisa ser feita.

O *whats-trabalho* pode ser pensado como uma modalidade prescritiva de trabalho, em tempos de pandemia, em que algumas características o compõem. Entre elas, não há definição de limites entre o trabalhar e o não trabalhar. As perguntas imediatas demandavam respostas instantâneas, o que demandava o cumprimento de tarefas, sem tempo para formulação de problematizações. As trabalhadoras sentiam-se sempre em dívida com suas ações. A sensação de culpa também vinha como consequência do endividamento subjetivo, gerado pela constante impressão de que o que faziam não era suficiente ou não era o que precisava ser feito. Em relação a esse ponto, a sobrecarga de tarefas e funções produzia esse efeito, ou seja, as práticas realizadas nunca atendiam suficientemente todas as demandas de trabalho doméstico e trabalho docente.

Conforme Oliveira (2020), há diferença entre querer ficar em casa e precisar ficar nela por um tempo indeterminado. E, assim, o imperativo de permanência e de não-mobilidade em tempos de pandemia podia ser lido como um privilégio, ao mesmo tempo em que era exaustivo em termos emocionais. (Oliveira, 2020). Não raras vezes, nos grupos do NISE, a exaustão foi compartilhada e vivenciada no meio do grupo, quando integrantes saíam correndo, para tirar a roupa do varal, para dar de mamã aos filhos e para dizer, nos grupos, que muitas eram as tarefas online a serem postadas para os alunos.

Em outro grupo de uma equipe diretiva, as educadoras falavam no direito à desconexão e no dever da conexão. Como transitar entre tais problemáticas? Diziam que poderiam ficar trabalhando vinte e quatro horas por dia. E salientavam um cansaço no corpo e um cansaço mental. Apontavam que era difícil não ficar fora da casinha. E algumas professoras adoeceram, perderam o sono, perderam a calma. E viviam, como se estivessem num tsunami de ondas que as derrubavam. Quais eram as estratégias possíveis, frente a tais questões? Como pensar em uma micro-gestão do trabalho, que possibilitasse um movimento de autoria e de autonomia das professoras, para que não se tornassem reféns do trabalho feito em casa, do *whats-trabalho*?

Segundo Neves (2018), podemos pensar em uma gestão paradoxal do trabalho, que não busca, necessariamente, soluções ou saídas para os problemas, mas se preocupa com a forma de colocá-los. E, mais do que resolver paradoxos, propõe-se a habitá-los. (Neves, 2018). E, assim, as professoras poderiam ser gestoras de seus modos de trabalhar, construir novas problemáticas e vivenciar, coletivamente, o encontro com suas forças em multiplicidade.

Ao criar e compartilhar, entre elas, grupidades de ajuda mútua, redes de suporte entre colegas, elas estabeleciam modos de aprender e ensinar, não só no sentido de aprender a lidar com os dispositivos tecnológicos, mas também no intuito de ocupar um lugar mais ativo nesse encontro, de composição, crítica e transformação dos modos de educar em tempos de pandemia.

4. Discussão

Nos grupos remotos do NISE, com as educadoras, muitas foram as sensações compartilhadas remotamente e que expressavam atenção e sensibilidade. As professoras salientavam o trabalhar em grupo, a importância do apoio entre elas, bem como as aprendizagens com a tecnologia. Vislumbravam uma ação mais coletiva, dizendo que a pandemia as conectou de múltiplas maneiras. Acabavam adentrando a realidade, a vida umas das outras. Assim, estavam mais próximas, e passavam a conviver com o cotidiano das colegas, entre partes da casa, familiares, rotinas e bichos. Antes, referiam relações mais automáticas. E, agora, sentiam-se diferentes, as coisas não serão mais as mesmas.

Salientavam o quanto foi difícil no começo, pois se sentiam muito inseguras, angustiadas, com receio de tudo que teriam que dar conta. Pouco a pouco, foram se auxiliando, vencendo o medo da tecnologia. Construíram redes de aprendizagem mútua entre elas, o que acabou as aproximando também.

Portanto, a administração do tempo e da tecnologia se colocou como um imenso desafio, pois os recursos digitais auxiliaram muito, por um lado. E, de outro, diluíram os limites do tempo de trabalho e de não trabalho, gerando sobrecarga, estresse e sensação de impotência, frente ao excesso de coisas que as professoras precisavam dar conta. Muitas foram as problemáticas apontadas, como o direito à desconexão e o dever à conexão. Como transitar entre o whats-trabalho e o trabalho inventivo? Como ultrapassar a meta do trabalho imediato e instantâneo, para dar valor ao tempo, ao recomeço, a um modo constitutivo de forças e novas maquinações? A atividade de perguntar-se, nos grupos do NISE, também se colocou como uma ação de sustentar a problematização do vivido. E, ao mesmo tempo, as professoras foram como protagonistas de um educar ético, estético e político.

Nos grupos, foi possível acompanhar formulações de um coletivo de professoras, que vai tentando microgerenciar seus processos de trabalho, frente a tantas

desconstruções e mudanças. E, assim, elas dizem que, em meio ao tsunami de ondas que as derrubavam, foi possível nadar, sair caminhando, encontrar algumas margens.

Parecia que, nos grupos, elas percebiam efeitos que seguiram com elas. Algumas sugeriram que as reuniões das professoras seguissem no formato online depois da pandemia. O que isso nos aponta? Se, por um lado, há um descaminho no trabalho durante a pandemia, numa chuva de reveses e de imperativos que produziram servidão. Por outro, as trabalhadoras da educação construíram possíveis, e transformaram a tarefa do home-office em uma atividade inventiva, permeada por relações solidárias e composições heterogêneas. Parece que a invenção de grupidades remotas possibilitou a formulação de linhas moleculares nos modos de educar, no sentido de pensarem em limites ao tempo da tarefa e, ao mesmo tempo, colocarem-se de modo mais autoral e coletivo frente aos impasses de tornar possível uma Educação em um cenário de pandemia.

THE WORK OF EDUCATORS IN TIMES OF PANDEMIC: BODY, MICROMANAGEMENT OF WORK AND REMOTE GROUPS

Abstract

The new Coronavirus pandemic required several social isolation actions. In the context of Education, many challenges have arisen in this new pandemic reality. In this sense, the present article narrates cartographic experiences of the interventions of NISE, Interdisciplinary Center for Health at School, with five public schools, in a municipality in the metropolitan region of Porto Alegre. It is built from postdoctoral research. The method used is Research-Intervention and Cartography, which help in the production of knowledge and in the establishment of new problems. Our practices are carried out with groups of teachers, in the online modality, in order to offer the sharing of experiences in the face of the challenges experienced. As a theoretical framework, we base our research on the Philosophy of Difference, Institutional Analysis and Activity Clinic. In this way, we built three analyzers with the groups: the body and the micro-management of work, remote groups and Technologies. And, as a result, we realized how important collective issues are at the moment, as well as the strategies built to micro-manage the educator's work processes, in addition to new ways of dealing with Technologies by a collective of educators.

Keywords: teaching work, pandemic, body, micromanagement of work, remote groupalities

EL TRABAJO DE LOS EDUCADORES EN TIEMPOS DE PANDEMIA: CUERPO, MICROGESTIÓN DEL TRABAJO Y GRUPOS REMOTOS

Resumen

La nueva pandemia de Coronavirus requirió muchas acciones de aislamiento social. En el contexto de la Educación, han surgido muchos desafíos en esta nueva realidad pandémica. En este sentido, el presente artículo narra experiencias cartográficas de las

intervenciones del NISE, Centro Interdisciplinario de Salud em la Escuela, con cinco escuelas públicas, em um município de la región metropolitana de Porto Alegre. Se construye a partir de uma investigación postdoctoral. El método utilizado es Investigación-Intervención y Cartografía, que ayudan em la producción de conocimiento y em el establecimiento de nuevos problemas. Nuestras prácticas se realizan con grupos de docentes, em la modalidad online, con el fin de ofrecer el intercambio de experiencias ante los retos vividos. Como marco teórico, basamos nuestra investigación em la Filosofía de la Diferencia, el Análisis Institucional y la Actividad Clínica. De esta forma, construimos três analizadores com los grupos: el cuerpo y la microgestión de trabajo, grupos remotos y tecnologías. Y, como resultado, nos dimos cuenta de la importância que tienen los temas colectivos em esse momento, así como las estrategias construidas para microgestionar los procesos de trabajo de los educadores, además de nuevas formas de abordar las tecnologías por parte de um colectivo de educadores.

Palabras-Chave: trabajo docente, pandemia, cuerpo, microgestión del trabajo, gupales remotas

Referências

BARROS, M. E.; AMADOR, F. S. Clínicas do Trabalho: abordagens e contribuições da Análise Institucional ao problema clínico do trabalho. **Trabalho & Educação**, 26(3), 55-69, 2017. Recuperado de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9638>

BARROS, R. B. Dispositivos em ação: o grupo. In A. Lancetti. (org). **SaúdeLoucura 6: Subjetividade**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

CARDOSO, M.; ROMAGNOLI, R. Contribuições da cartografia para a produção de uma ciência nômade. **Revista Polis e Psique**, 9(3), 6 – 25, 2019. doi:<https://doi.org/10.22456/2238-152X.79933>

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol 4. São Paulo: Ed 34, 2002/1997.

DELEUZE, G. **A ilha deserta: e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

FORTUNA, C. M.; SILVA, S. S.; MESQUITA, L. P.; MATUOTO, S.; OLIVEIRA, P. S.; SANTANA, F. R. A Socioclínica Institucional como Rerencial Teórico e Metodológico para a Pesquisa em Enfermagem e Saúde. **Texto & Contexto - Enfermagem**, 26(4), e2950017. Epub December 11, 2017.<https://dx.doi.org/10.1590/0104-07072017002950017>

GIL, J. O corpo paradoxal. In D. Lins e S. Gadelha. (Orgs), *Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo?* Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fortaleza, Ceará: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

GUATTARI, F. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

- MARTINS, J. B. Análise Institucional e o processo de construção de conhecimento: a questão da implicação. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v.23, n.1, 488-499, 2017. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2017v23n1p488-499>
- MENDES, R.; PEZZATO, L.M.; SACARDO, D.P. Pesquisa-intervenção em promoção da saúde: desafios metodológicos de pesquisar “com”. **Ciência & Saúde Coletiva**, 21 (6), 1737-1745, 2016. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015216.07392016>
- MIRANDA, L. L.; OLIVEIRA, E. N. P.; SHIOGA, J. E. M.; RODRIGUES, D. C. Pesquisando com jovens na escola: desafios da pesquisa-intervenção em dois contextos escolares. **Psicologia Escolar e Educacional**, 20(2), 245-254, 2016. <https://dx.doi.org/10.1590/2175-353920150202958>
- MONCEAU, G. Técnicas socioclínicas para a análise institucional das práticas sociais. **Psicologia em Revista**, 21(1), 197-217, 2015. <https://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2015V21N1P197>
- NEVES, J. M. A. **Trabalho e Gestão na Perspectiva da Atividade**: crítica, clínica e cartografia. Porto Alegre: Sulina, 2018.
- OLIVEIRA, A. A Espacialidade Aberta e Relacional do Lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia da COVID-19, 2020. **Revista Tamoios**, 16(1). doi:<https://doi.org/10.12957/tamoios.2020.50448>
- URIARTE, M. Z.; NEITZEL, A.A. A pesquisa de intervenção cartográfica em Arte Educação. **Educação Unisinos** 21(3):387-394, setembro/dezembro 2017. Unisinos - doi: 10.4013/edu.2017.213.12
- ZIZEK, S. El coronavirus es un golpe al capitalismo a lo Kill Bill. In: **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. Editorial ASPO, 2020.

Sobre os Autores:

Vilene Moehlecke

Pós-Doutoranda em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professora do Curso de Psicologia da UNISINOS. Endereço: vilenemo@unisinos.br

Fernanda Spanier Amador

Pós-Doutora em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Endereço: feamador@uol.com.br

Recebido em: 01.03.2021

Aceito em: 11.05.2023